



UFRPE

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ÉLIDA ROBERTA SOARES DE SANTANA

ROMERO BOMFIM DOS SANTOS

**O PROCESSO DA MUSICALIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS: UM ESTUDO DE
CASO NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DA CIDADE DO RECIFE**

RECIFE

2016

ÉLIDA ROBERTA SOARES DE SANTANA

ROMERO BOMFIM DOS SANTOS

**O PROCESSO DA MUSICALIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS: UM ESTUDO DE
CASO NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DA CIDADE DO RECIFE**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciados em Pedagogia, orientados pelo Prof. Ms. Bruno Fernandes Alves.

RECIFE

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S232p Santana, Élide Roberta Soares de
O processo da musicalização nos anos iniciais: um estudo de caso no 1º ano do ensino fundamental em uma escola municipal da cidade do Recife / Élide Roberta Soares de Santana, Romero Bomfim dos Santos. – 2017.
50 f.: il.

Orientador: Bruno Fernandes Alves.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Recife, BR-PE, 2017.

Inclui referências, anexo(s) e apêndice(s).

1. Musicalização 2. Ensino de música 3. Música 4. Anos iniciais
I. Santos, Romero Bomfim dos II. Alves, Bruno Fernandes, orient.
III. Título

CDD 370

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

**O PROCESSO DA MUSICALIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS: UM ESTUDO DE
CASO NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DA CIDADE DO RECIFE**

Esta monografia foi julgada adequada como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado(a) em Pedagogia, aprovada pela banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Prof.^a Coordenador(a) do curso de Licenciatura em Pedagogia

Data da Defesa: ____/____/201__

Horário: ____ horas

Local: Sala _____ - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Bruno Fernandes Alves

Orientador

Prof.^a Dra. Ana Paula Abrahamian de Souza

Examinadora Interna

Prof. Dr. Julio Cesar Vila Nova

Examinador Externo

“Se você quer saber se um povoado é bem ou mal governado, se seu povo é feliz ou não, observe a sua música e obterás a resposta.” (autor desconhecido).

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de realizar um sonho e guiar meus passos.

A minha mãe, Praseres, pelo amor, apoio e orações. A meu pai, João, pela confiança em mim depositada, pelo amor, dedicação, incentivo e por nada me deixar faltar.

Aos meus irmãos, Ricardo e Érica, pois sei que esta conquista também é de vocês. A Socorro, minha cunhada querida, pelo apoio. Aos meus amados sobrinhos, João, Beatriz e Fernanda, por me darem alegria e inspiração na minha caminhada.

A Robson, pela amizade, paciência, compreensão e apoio em todas as horas.

A todos os professores do curso de licenciatura em Pedagogia, pela partilha do conhecimento e acolhimento.

Ao Professor Bruno Alves, pelas orientações, apoio, dedicação e colaboração no processo de construção deste trabalho e na minha formação.

As minhas companheiras de jornada que formam o “Grupo Tareco”, Joana, Missilene e “par acadêmico” Romero, pela amizade, cumplicidade e pelas trocas de conhecimentos durante esses anos.

Ao Grupo de Pesquisa em Educação, Raça, Gênero e Sexualidade -GEPERGES- Audre Lorde, pelos importantes momentos de encontros, que não só contribuíram para minha formação acadêmica, mas também para minha melhor compreensão de vida e significado do ser Mulher Negra.

Élida Roberta Soares de Santana

A Deus, sobre todas as coisas e que permitiu que eu chegasse até aqui.

A todo o Clã Bomfim, pelo apoio e incentivo.

E, especialmente, as minhas três Musas Inspiradoras:

- minha mãe, Maria Augusta, que me ensinou a **harmonia** da vida, mostrando que as dissonâncias dia-a-dia nos torna mais fortes;
- minha amada esposa, Giselle Soares, que se tornou a **melodia** principal da minha vida, apoiando-me ao longo dessa caminhada;
- e a serelepe Mariana Cecília, minha filha, que, com toda sua amorosidade, tem cadenciado o **ritmo** da minha vida.

A Élide Roberta, pela parceria na formação desse dueto, com quem, diante dos pontos e contrapontos, conseguimos encontrar o tom e compor a nossa Obra Prima.

Aos professores do curso de Licenciatura em Pedagogia, que muito contribuíram para nossa composição.

As amigas e amigos de jornada, que, como uma plateia presente em um concerto, aplaudiu calorosamente a nossa desenvoltura.

Não podendo esquecer o Professor Bruno Alves, que, como um maestro, soube conduzir o nosso trabalho como uma trilha sonora desde a introdução ao acorde final.

Romero Bomfim dos Santos

SUMÁRIO ♪

RESUMO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 15 |
| 1.1 A Música e a Educação..... | 15 |
| 1.2 A importância da Musicalização nos Anos Iniciais..... | 17 |
| 1.3 O surgimento da Música nas Escolas Brasileiras..... | 22 |
| 1.4A Formação de Professores..... | 26 |
| 2. METODOLOGIA..... | 31 |
| 2.1 Universo da Pesquisa..... | 31 |
| 2.2 Os Instrumentos de Coleta de Dados..... | 32 |
| 2.3 Metodologia de Análise..... | 33 |
| 3. COLETA E ANÁLISE DE DADOS | 34 |
| 3.1 Observações..... | 34 |
| 3.2 Questionário..... | 38 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 42 |
| 5. REFERÊNCIAS..... | 45 |
| APÊNDICE | 48 |
| ANEXOS..... | 49 |

RESUMO

O presente trabalho é decorrente de uma pesquisa realizada com professores atuantes no 1º ano do Ensino Fundamental em Escolas Municipais do Recife e teve como objetivo investigar o uso da música, buscando entender de que forma e que importância ela tem recebido no ambiente educacional, bem como identificar se a Lei 11.769/08, que torna obrigatório o ensino da música nas escolas, trouxe alguma mudança para o ensino dessa linguagem. Discutimos também acerca de quem deve ministrar aula de música nas escolas: se o professor unidocente ou um especialista licenciado. Destacamos a importância de se praticar a música nos Anos Iniciais. Através das análises dos dados obtidos na pesquisa, podemos afirmar que, apesar de a música estar presente nos ambientes pesquisados, o seu papel ainda é secundário.

Palavras-Chave: Musicalização; Ensino de música; Música; Anos Iniciais.

ABSTRACT♪

This essay results from a survey taken by 1st grade school teachers from public Primary Schools in Recife, and it is focused on investigating the use of music, trying to understand how and what importance it has received in the educational environment, and whether the law 11.769/08, which requires the teaching of music in schools, brought some change to the teaching of this language or not. It has also been discussed who should teach music lessons in schools: a regular teacher or a Music specialist. The importance of practicing music in the Elementary School has also been highlighted and, through the analysis of the data collected in the research, it can be said that despite the fact that music is part of school's daily routine, its role is still secondary.

Keywords: Musicalization; Music Education; Music; Elementary School.

Introdução

...“*ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar*”¹

A música tem um grande poder em nossas vidas por ser capaz de transmitir culturas através do tempo, expressar nossos pensamentos, reviver sentimentos, incluir socialmente e até curar (musicoterapia). Bréscia (*apud* CHIARELLI e BARRETO 2005 p.02) afirma que “Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura”.

Papiros médicos egípcios datados de 1500 anos a.C., já se referiam acerca da ação da música sobre o homem, retratando o encantamento da música sobre as mulheres, estimulando sua fertilidade. A Bíblia relata sua aplicação terapêutica, quando narra, no livro de Samuel, a história do rei Saul que quando atormentado por um espírito mal, chamava o músico Davi, que tocando sua harpa, afastava o tal espírito de Saul, acalmando-o (MARTINS, 2014, p. 03).

Percebendo em nossos estudos o destaque e as contribuições que a música apresenta para o desenvolvimento do ser humano desde o seu nascimento, abordaremos neste trabalho a importância da música e o processo de musicalização na escola durante os anos iniciais do ensino fundamental, pois há muito a música vem sendo considerada de suma importância no âmbito educacional,

Filósofos como Platão e Aristóteles destacavam a importância da música na educação. O primeiro colocava a música no mesmo patamar das ciências exatas como física e matemática. O segundo, em seus modelos educacionais, tinha a música como complemento à educação do corpo e da mente (VALLIM, 2003, p. 15).

A musicalização é um processo de construção do conhecimento usado para desenvolver e despertar o gosto musical dos alunos, assim como uma ferramenta pedagógica. Utilizada de forma lúdica, a música pode contribuir no desenvolvimento e formação da criança, já que o conhecimento tem origem na experiência sensorial do ver, ouvir, pegar, etc. (BRÉSCIA *apud* CHIARELLI e BARRETO, 2005, p. 03). A música

¹ Domínio Público

pode deixar as aulas mais atraentes, tornar as crianças mais participativas, incentivar algum aluno que tenha certo talento a continuar na arte musical.

Sabemos que as escolas públicas e privadas são regidas por alguns documentos oficiais, sendo estes nacionais, estaduais e municipais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDBEN), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os currículos educacionais específicos de cada rede de ensino. Desta forma, as escolas buscam realizar o que é estipulado pela LDBEN (BRASIL, 1996), que já referenciava a presença da música na escola; porém, foi com a criação da lei 11.769/08 (BRASIL, 2008) (anexo I) que o ensino de música passou a ser componente obrigatório na escola. Entretanto, a criação da Lei 13.278/16 (BRASIL, 2016) (anexo II) modificou mais uma vez a LDBEN, estipulando não só a música, mas também as artes visuais, a dança e o teatro como linguagens constituintes do componente curricular Arte.

Destacamos que nos primeiros anos de escolarização o professor é unidocente, sendo ele responsável por ministrar todos os conteúdos das diferentes áreas de conhecimentos programados no currículo, desde a educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental. Assim, os ganhos educacionais embasados pelas Leis 11.769/08 e 13.278/16 tornam-se mais um desafio na prática educacional desenvolvida pelo professor unidocente, pois a grande maioria não teve o conteúdo abordado durante sua formação educacional. Diante deste fato, busca-se enfatizar a importância das formações desses profissionais, visando a garantia da efetivação das leis citadas, uma vez que, segundo Bellochio et al (s.d), “[...] não é com intenção de formar um músico no professor. A intenção é formar um sujeito que possa trabalhar Educação Musical nas suas atividades docentes, fazendo um planejamento que contemple tais aspectos.” (p.6).

A escolha deste tema foi motivada pela obrigatoriedade do ensino da Música no currículo da Educação Básica e, em especial, nos anos iniciais do ensino fundamental, nos quais se inicia a musicalização das novas gerações, ou seja, as orientações legais e a importância da música e da musicalização como elementos contribuintes para favorecer a socialização dos alunos.

Mársico (*apud* CHIARELLI e BARRETO, 2005, p. 05) diz que “uma das tarefas primordiais da escola é assegurar a igualdade de chances, para que toda criança possa ter

acesso à música e possa educar-se musicalmente, qualquer que seja o ambiente sociocultural de que provenha”. Com as atividades musicais realizadas nas escolas não se busca a formação de músicos, e sim, proporcionar que os alunos, através dessas vivências, possam expressar mais facilmente seus sentimentos, ampliando seus conhecimentos culturais e contribuindo para a sua formação integral, pois “[...] a música pode melhorar o desempenho e a concentração, além de ter um impacto positivo na aprendizagem de matemática, leitura e outras habilidades linguísticas nas crianças” (BRESCIAS *apud* CHIARELLI e BARRETO, 2005, p.06). A musicalização, quando trabalhada na escola, torna-se um poderoso instrumento que, além de desenvolver sensibilidade musical, também desenvolve nas crianças a concentração, memória, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva e disciplina (CHIARELLI e BARRETO, 2005, p.06).

Este trabalho foi desenvolvido com a intencionalidade de responder à seguinte problemática: Como a música vem sendo utilizada na prática pedagógica dos professores polivalentes dos anos iniciais da Rede Municipal da cidade do Recife? E que possíveis contribuições a música pode acrescentar ao desenvolvimento dos alunos?

Para responder a problemática em questão, estipulamos alguns objetivos durante o desenvolvimento do presente trabalho, apresentados a seguir.

Objetivo geral:

Analisar o processo de musicalização desenvolvido no 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da rede do Recife, a partir da implementação da Lei 11.769/08.

Objetivos específicos:

- Investigar a relação entre a música e educação.
- Investigar a importância de a música estar presente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
- Compreender como se deu o processo do ensino da música nas escolas brasileiras.
- Investigar como a formação dos professores tem influenciado na utilização da música em sala de aula.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, mais as considerações finais, distribuídos conforme descrição a seguir.

O capítulo I apresenta a fundamentação teórica do trabalho e está dividido em 4 itens, sendo eles: 1.1. “A música e a educação”, que apresenta um levantamento histórico sobre o início do uso da música na educação; 1.2. “A importância da musicalização nos Anos Iniciais”, que aborda os benefícios e contribuições da utilização da música desde o início da escolarização; 1.3 “O surgimento do ensino da música nas escolas brasileiras”, que realiza um levantamento histórico do uso da música nas escolas do Brasil, apresentando também um histórico sobre os documentos que regem a educação brasileira; e o quarto e último item desse primeiro capítulo, 1.4, nomeado de “Formação de professores”, que apresenta uma pequena abordagem sobre o ensino de música no processo de formação dos professores unidocentes, bem como as possibilidades e desafios do uso da música nas suas práticas pedagógicas. Neste primeiro capítulo apresentamos ideias e discussões de alguns teóricos, como as autoras Penna, Bellochio, Loureiro, entre outros, sobre cujas ideias discorreremos ao longo deste trabalho.

O capítulo II trata da trilha metodológica percorrida ao longo do desenvolvimento deste trabalho, inicialmente apresentando o tipo de pesquisa que utilizamos, compartilhando a ideia de Silva (2005). Em seguida, há uma divisão em tópicos desse capítulo. Assim, o primeiro sub capítulo apresenta o universo pesquisado; o segundo sub capítulo refere-se à apresentação dos instrumentos utilizados na coleta de dados; e o terceiro tópico desse segundo capítulo explica a abordagem de análise dos dados.

O capítulo III deste trabalho apresenta os dados coletados e suas análises, e é também composto por itens no seu desenvolvimento, pois apresenta os dados coletados por diferentes instrumentos, apresentando, assim, inicialmente os dados coletados através das observações e, em seguida, os dados coletados pelos questionários abertos realizados.

Nas considerações finais, apresentamos os resultados que concluímos diante o nosso trajeto de pesquisa, discorrendo também sobre o que dizem os autores apresentados ao longo de todo o desenvolvimento do trabalho.

Por fim, apresentamos nas Referências os documentos, autores e fontes que nos embasaram para o desempenho de todo o presente trabalho.

1. Fundamentação teórica

...“*tem que ser selado, registrado, carimbado, avaliado e rotulado se quiser voar*”²

1.1 A música e a Educação ♪

Desde os primórdios de sua civilização os gregos mostraram a sua paixão pela música, que, para eles, tornou-se uma arte, uma maneira de pensar e de ser. Na infância os gregos começavam a aprender canto como algo capaz de educar e civilizar, e seus músicos eram vistos como os guardiões de uma ciência e de uma técnica. O reconhecimento formal da música fez com que surgissem na Grécia as primeiras preocupações com a pedagogia musical. Assim a música torna-se uma “sabedoria” e suas instruções deixam de ser puramente estéticas e passam a ser uma disciplina escolar (LOUREIRO, 2003, p. 34).

Definir o que é música pode parecer fácil, porém não é assim tão simples como parece. A proximidade que a nossa sociedade contemporânea tem com a música não facilita esse processo de conceituá-la, pois as diversidades musicais presentes contribuem para uma forte discussão se algumas obras são música ou não. Sobre isso, Vallim (2003, p. 14) afirma que “o conceito de música varia muito de cultura para cultura, pois cada povo tem suas tendências e maneiras de se expressar”, uma vez que:

As manifestações musicais são extremamente diversificadas: um concerto de orquestra sinfônica, um grupo de rock, de rap, de pagode... um grupo de ciranda, de maracatu, de reisado... o coral da igreja, o canto da procissão... a roda de amigos que canta e batuca na mesa de bar, [...] – todas são música (PENNA, 2014, p19).

A música foi utilizada de várias formas no ambiente escolar, sendo um dos primeiros recursos utilizados pelos jesuítas para escolarizar a juventude europeia, com o intuito de formar o bom cristão. Até o fim do século XVIII, pela influência dos protestantes e católicos, principalmente os jesuítas, a educação musical na escola era somente voltada para práticas religiosas. A música livre dessa finalidade surge com os herdeiros de Rousseau, Pestalozzi e Froebel, que defendiam a educação baseada no respeito à natureza humana. Assim, eles iniciam um movimento de oposição à tradição

²Carimbador Maluco (Raul Seixas) – Álbum: Raul Seixas, 1983; Estúdio Eldorado – SP.

secular, dominante no ensino da música, que foi concretizado no século XX, com os trabalhos de Orff, Dalcroze, Kodaly, Willems, Gainza, Martenotbe e Schafer (LOUREIRO, 2003, p. 41).

A música vem desempenhando, ao longo da história, um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja no aspecto religioso, seja no aspecto moral ou no social, contribuindo para a aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício da cidadania (LOUREIRO, 2003, p.33).

É indiscutível a importância que a música exerce na vida do ser humano, e a escola é um dos primeiros lugares onde se tem contato com essa linguagem artística. Porém, a forma como esse contato acontece é o que vem causando grandes discussões. Que papel a música deve ter na escola? Nos primórdios da educação brasileira já era questionada a forma como se trabalhava a música em sala de aula, como afirma Loureiro (2003):

Embora a música tivesse um papel definido na organização escolar, sendo um componente importante de sua cultura, já naquele momento havia problema em relação ao professor. A forma com que o ensino da música era conduzido nas escolas é alvo de crítica. Segundo crônicas da época (*Gazeta Musical* 1891, 1892, 1893), os (professores) mais antigos não sabiam música e os mais novos lhe atribuíam pouca importância. Entretanto, apesar do despreparo do(a) professor(a) e do descaso pela música, era de sua responsabilidade o ensino dessa disciplina nas escolas primárias (LOUREIRO, 2003, p. 49-50).

Nos dias atuais outros pesquisadores continuam a criticar a forma como a música é abordada nos ambientes educacionais e encontraram no despreparo dos professores um agravante para a musicalização nas escolas, já que boa parte deles não possuem conhecimentos musicais e os cursos de formação acadêmica não trazem a música em sua matriz curricular. Nesse sentido, alguns pesquisadores são categóricos quando se referem a quem deve ministrar a musicalização nas escolas:

Ao referirmo-nos à Educação Musical na formação de professores, foi necessário esclarecer o que é ser professor de Educação Musical. É a pessoa que sente prazer pela Música, que sente necessidade de difundir a Música e, principalmente, que domina os conhecimentos necessários para a sua atuação como professor. Enfim, o professor de Música é aquele que domina os elementos da Música (som e suas qualidades, ritmo, melodia, harmonia e silêncios) e que teoriza continuamente a sua prática (TOZETTO, 2003, p.08).

Como podemos ver, a música sempre esteve presente no ambiente educacional, embora nem sempre seja utilizada de maneira que permita contemplar todo o seu potencial no processo de ensino-aprendizagem no contato com as crianças, visto que, na maioria das vezes, ela é utilizada apenas como ferramenta pedagógica, sem nenhum planejamento específico.

Com o tempo, esse entrosamento entre a música e a escola vai evoluir porque, principalmente nas crianças menores, o contato com a própria voz é muito formador. Para as menores, cantar é muito bom e, para as pouquinho maiores, quando se coloca essa questão de elas ao cantar de fato dizer alguma coisa, expressarem uma ideia, não cantar automaticamente uma música que é só uma diversão, quando são levadas a dizer alguma coisa isso se enraíza demais, são eixos de formação invisíveis. Acredito muito nesse elo e, como a escola se propõe a estabelecer uma relação entre ensino e vida, a música é dessa passagem (ZISKIND, 2012, 2013, p. 10-11).

Penna (2014, p. 20) diz que a música “é uma atividade essencialmente humana, através da qual o homem constrói significações na sua relação com o mundo”. Para Campbell et al. (*apud* CHIARELLI e BARRETO, 2005, p. 07): “A música transmite nossa herança cultural. É tão importante conhecer Beethoven e Louis Armstrong quanto conhecer Newton e Einstein”.

1.2 A Importância da Musicalização nos Anos Iniciais 🎵

Sobre o conceito de musicalização, queremos inicialmente destacar que tratamos neste trabalho a musicalização como parte da educação musical, mas não como o ensino musical, ou seja, apresentamos na introdução deste trabalho o conceito de que:

A musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, auto-disciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação. (BRESCIA, 2003 *apud* CHIARELLI e BARRETO, 2005, p. 03).

Compreendendo o processo de musicalização como forma de salientar as vivências musicais dos alunos, promovendo a compreensão e sensação de pertencimento e das práticas culturais da música, destacamos que:

[...] a musicalização como um processo educacional orientado que, visando promover uma participação mais ampla na cultura socialmente produzida, efetua o desenvolvimento dos esquemas de percepção, expressão e pensamento necessários à apreensão da linguagem musical, de modo que o indivíduo se torne capaz de apropriar-se criticamente de várias manifestações musicais disponíveis em seu ambiente – o que vale dizer: inserir-se em seu meio sociocultural de modo crítico e participante (PENNA 2014 p 49).

Desta forma, também destacamos algumas das diversas maneiras de explorar a música em sala de aula, podendo ser através de cantigas de rodas, paródias, criação de instrumentos artesanais, etc. Todas essas maneiras de musicalização exigem maior interação dos alunos, e, por serem atividades diferentes, que fogem das aulas tradicionais, certamente terão uma grande aceitação pelos alunos, conforme defendem Chiarelli e Barreto (2005, p.05):

Além de contribuir para deixar o ambiente escolar mais alegre, podendo ser usada para proporcionar uma atmosfera mais receptiva à chegada dos alunos, oferecendo um efeito calmante após períodos de atividade física e reduzindo a tensão em momentos de avaliação.

Chiarelli e Barreto (2005) também sugerem que a escola ofereça aos alunos a oportunidade de aproximação com diferentes gêneros musicais, partindo do que eles conhecem e apresentando novos estilos, sempre instigando uma análise crítica dessas experiências, contribuindo para a formação reflexiva e crítica dos sujeitos. Todavia, alertam as autoras que a escola não vise à formação de músicos, mas que essas vivências musicais oportunizadas na escola proporcionem a sensibilidade sensorial, contribuindo assim com a melhor expressão nas emoções, ampliando as suas vivências culturais.

O ser humano está envolvido com a sonoridade desde o ventre de sua mãe, já que um dos melhores transmissores de sons é o meio líquido. Todas as trocas de fluido, o pulsar das artérias, o palpitar do coração são captadas pelo feto. Trata-se de um verdadeiro desfile de ruídos e vibrações, com ritmo regular, quando a mãe está calma, e nos momentos de tensão esse ritmo acelera. Nos primeiros dias de vida o bebê tem sua visão ainda turva, impedindo-o de distinguir pessoas, mas a sua audição é mais apurada

e servirá de guia para ampliar o seu repertório sonoro a cada dia, e geralmente entre seus primeiros brinquedos estão chocalhos e caixinhas de música (VALLIM, 2003, p. 26). Desta forma:

A música na Educação Infantil e nas Séries Iniciais deve refletir sobre o desenvolvimento da inteligência musical desde os primeiros sons emitidos pelo bebê como expressão de seus sentimentos para então, partir para o desenvolvimento da observação e da percepção sonora e rítmica, que são manifestações da racionalidade humana (TOZETTO, 2003, p. 07-08).

O incentivo para que os alunos participem do processo da musicalização deve ocorrer o mais cedo possível, pois bebês com menos de dois anos já são capazes de distinguir o som e o silêncio (OLIVEIRA, 2001, p. 100). A musicalização na escola, começando nos anos iniciais, pode ajudar no desenvolvimento dos alunos em várias áreas, entre elas a psicomotora, a cognitiva, a sócio-afetiva, a cultural, que desenvolvem a noção de esquema corporal, permitindo que a criança se conheça melhor, além de estimular a comunicação com o outro, uma vez que:

[...]a fonte de conhecimento da criança são as situações que ela tem oportunidade de experimentar em seu dia a dia. Dessa forma, quanto maior a riqueza de estímulos que ela receber melhor será seu desenvolvimento intelectual[...], no desenvolvimento psicomotor [...] as atividades musicais oferecem inúmeras oportunidades para que a criança aprimore sua habilidade motora, aprenda a controlar seus músculos e mova-se com desenvoltura [...] e no desenvolvimento sócio afetivo [...] as atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação. Dessa forma a criança vai desenvolvendo o conceito de grupo [...] (CHIARELLI e BARRETO, 2005, p. 03).

É oportuno ressaltar que na Educação Infantil e nas Séries Iniciais o ensino da música configura-se na ludicidade, para que se possa explorar as fontes sonoras (TOZETTO, 2003, p. 08). As crianças em suas brincadeiras espontaneamente usam sons, criam músicas, e essas atitudes terminam desaparecendo, se não houver incentivo. “É aconselhável que a música seja apresentada por meio de estórias, dramatizações, jogos e brincadeiras que motivem a participação” (SILVA *apud* OLIVEIRA, 2001, p.100). Com crianças até os dois anos de idade a música pode ser trabalhada pela(o) própria(o) professora(o) em diversos momentos sem que necessita da presença de um especialista em música. Quando a criança passa para o ensino fundamental, por volta dos seis anos, tende a deixar de se expressar através do som por sentir vergonha, e a

escola não incentiva essa prática, pois prioriza o silêncio. Porém, é preciso ter cuidado para que as crianças não vejam a aula de música somente como diversão (OLIVEIRA, 2001, p. 100):

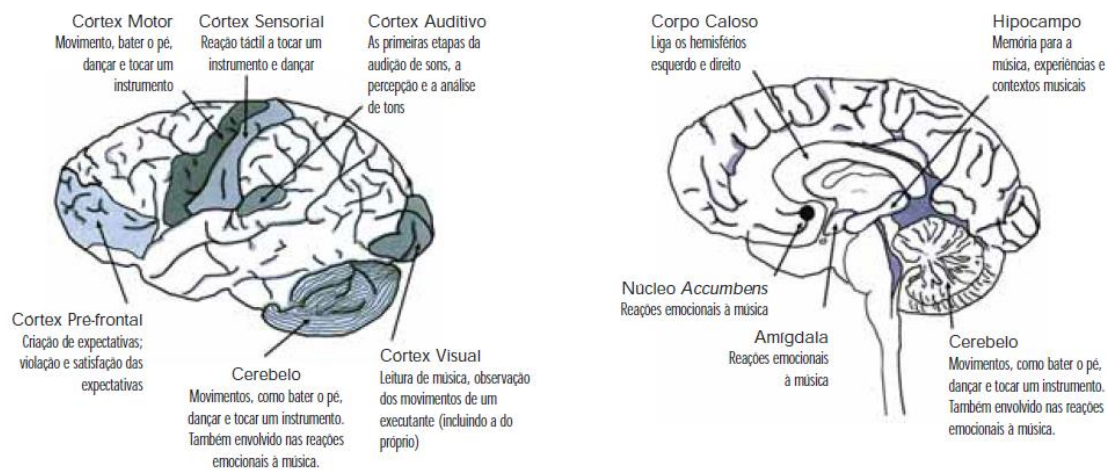
É importante salientar que a Música é um potencial educativo por vincular-se aos conhecimentos científicos ligados à Física e à Matemática, às habilidades motoras e à destreza manual. É por esta razão que o ensino da Música deve ser iniciado pelas práticas educativas de Iniciação Musical como área de conhecimento e sistematizadas nos seus conteúdos (TOZETTO, 2003, p. 07).

Quando a criança entra em contato com a música, começa a se apropriar dos elementos musicais (mesmo que abstratamente ela começa a ter noções de ritmo, de afinação, entre outros) e de vários outros conhecimentos para sua vida com um ser social, pois:

Ao ensinarmos uma canção, por exemplo, imprimimos sobre o aluno uma dada estrutura de tempos, tons e qualidades vocais [...] Ao aprender e se exercitar nesta canção, o aluno incorpora “padrões” de diversas ordens. Ele ajusta seu sistema temporal (rítmico-motor), objetivando-o na relação que estabelece com o grupo. O mesmo acontece com as estruturas tonais intervalares e o próprio sistema de afinação que está na base inconsciente do paradigma tonal. A audição de si mesmo e do grupo desempenha aqui um papel fundamental, sendo esta a grande mediadora do processo de refinamento dos padrões musicais em apreensão. Desta forma, partindo de músicas mais simples e progressivamente incorporando estruturas musicais mais complexas, o aluno toma posse da linguagem musical. Este processo de apropriação cultural/social da música a partir de uma referência externa permite que as estruturas relacionais da linguagem musical (de ordem abstrata) se incorporem e fiquem disponíveis para outras funções, assim contribuindo para o desenvolvimento geral do indivíduo (PETRAGLIA, 2012, p. 64 – 65).

O avanço tecnológico que vem ocorrendo nos últimos anos nos tem ajudado a compreender melhor vários fatores e ações a respeito dos seres humanos. A neurociência, fazendo uso de algumas técnicas (neuroimagens), pode comprovar em tempo real a ação que a música causa ao nosso cérebro, e assim provar a importância e o poder que ela exerce em nossas vidas. O lado direito do cérebro é responsável pela discriminação da direção das alturas (contorno melódico), as áreas frontais e temporais são encarregadas dos timbres e emoções musicais, o lado esquerdo do cérebro fica encarregado do ritmo, métrica, duração, discriminação de tonalidade e o “hemisfério cerebral esquerdo também analisa os parâmetros de ritmo e altura interagindo

diretamente com as áreas da linguagem, que identificam a sintaxe musical” (MUSZKAT, 2012, p. 68), como podemos conferir nas imagens abaixo.



Representação Esquemática do Cérebro Musical. Fonte: MUSZKAT, 2012.

A música não apenas é processada no cérebro, mas afeta seu funcionamento. As alterações fisiológicas com a exposição à música são múltiplas e vão desde a modulação neurovegetativa dos padrões de variabilidade dos ritmos endógenos da frequência cardíaca, dos ritmos respiratórios, dos ritmos elétricos cerebrais, dos ciclos circadianos de sono-vigília, até a produção de vários neurotransmissores ligados à recompensa e ao prazer e ao sistema de neuromodulação da dor. Treinamento musical e exposição prolongada à música considerada prazerosa aumentam a produção de neurotrofinas produzidas em nosso cérebro em situações de desafio, podendo determinar não só aumento da sobrevivência de neurônios como mudanças de padrões de conectividade na chamada plasticidade cerebral (MUSZKAT, 2012, p. 68).

Como podemos perceber diversos são os estudos que afirmam o poder que a música exerce sobre o ser humano contribuindo para sua formação em vários aspectos. O nosso corpo quando em contato com a música passa por transformações chegando a alterar o funcionamento de alguns órgãos como o cérebro, coração, entre outros. Podemos comparar o efeito que a música causa em nosso corpo com o mesmo efeito que o compositor pernambucano Luiz Bandeira em sua canção “Voltei Recife” descreve do frevo. O compositor diz que o frevo embriaga “entra na cabeça, depois toma o corpo e acaba no pé”. Com toda essa potencialidade a música em sala só vai favorecer ambiente educacional e principalmente ao aluno influenciando desde seus sentimentos afetivos até a maneira de pegar no lápis.

1.3 O Surgimento da Música nas Escolas Brasileiras ♪

O ensino da música no Brasil tem início com a chegada dos jesuítas no período da colonização. Os jesuítas surgiram na Europa no meio das lutas religiosas deflagradas pela Reforma Protestante e elegeram a educação como umas de suas armas de combate à heresia. A primeira missão dos jesuítas no Brasil foi catequizar os indígenas, mas a evangelização dos nativos exigiu uma abordagem diferente de como ocorria nas escolas europeias (LOUREIRO, 2003, p.42). Sendo assim, os religiosos buscaram outros recursos para conseguirem o seu objetivo principal.

Entre os recursos utilizados destacava-se a música, em virtude da forte ligação dos indígenas com essa manifestação artística. Eram eles músicos natos que, em harmonia com a natureza, cantavam e dançavam em louvor aos deuses, durante a caça e a pesca, em comemoração a nascimento, casamento, morte, ou festejando vitórias alcançadas[...] ligada a rituais de magia, a música revela-se através da expansão instintiva do som, da cadência rítmica [...] sua aprendizagem ocorria em suas práticas nos rituais e na comunicação com nas entidades venerada. Os padres jesuítas dela também se apropriaram. Trabalhando na catequese e na aculturação dos indígenas, eles usaram a música para comunicar sua mensagem de fé, ao mesmo tempo em que buscavam uma aproximação com o habitante nativo. (LOUREIRO, 2003, p. 43)

Ainda segundo Loureiro (2003, p. 44), para os jesuítas as manifestações artísticas dos indígenas eram rituais de magias e de caráter pagão. Preocupados com isso, foi desenvolvido um trabalho intenso com cantochão³ e autos,⁴ em que os índios cantavam, dançavam e acompanhavam com instrumentos musicais, e assim, “os jesuítas conseguiram destruir a música espontânea e natural dos nativos[...] O pouco que escapou dessa obstinação civilizatória foi assimilado pela música popular dos nortista e nordestinos”.

A música era tão importante na catequese, que passa a fazer parte do currículo das “Escolas de ler e escrever”. Além da gramática e do latim os jesuítas ensinavam

³Canto tradicional da liturgia cristã-católica ocidental, monódico, diatônico e de ritmo livre, composto sobre textos litúrgicos latinos e baseado na acentuação e nas divisões do fraseado; canto gregoriano, canto plano.

⁴Peça teatral em forma poética, de origem medieval, que focaliza temas religiosos e profanos. Criação essencialmente popular, apresenta uma linguagem que integra vocabulário e expressões consagradas pelo povo. Divide-se em partes declamadas, bailados e cantos, geralmente acompanhados por pequenos conjuntos musicais.

música e cantochão, e foi criada uma cartilha, *Artinha*, a qual era usada pelos mestres nas aulas de iniciação musical (LOUREIRO, 2002, p. 44).

A expulsão dos jesuítas, em 1759, introduz mudanças no sistema escolar brasileiro. Após um período de desestruturação, ocasionado pelo fechamento dos colégios inacianos e pela demora, por parte da Coroa, em assumir seus compromissos em relação ao ensino, a educação brasileira começa a sentir os efeitos dos novos ventos que atingem o cenário educacional português [...] surge a escola leiga (aula-régia). Essas escolas, apesar de incorporarem outras disciplinas, compatíveis com o momento histórico, preservam as marcas tradicionais jesuíticas. Desta forma, nelas a música continua presente, com forte conotação religiosa, muito ligada às características e formas europeias (LOUREIRO, 2003, p. 45).

As atividades musicais no Brasil passam a ter mais expressão com o incentivo da Corte na modernização do país, principalmente na capital da época, o Rio de Janeiro. São criados novos ambientes culturais, como academias militares, a Biblioteca Real, cursos superiores e a Escola Nacional de Belas-Artes, mas, segundo Loureiro (2003), as tensões políticas da época repercutem nas atividades musicais:

Com a volta de D. João VI a Portugal, em clima de tensões políticas, as atividades culturais sofrem um abalo. A Capela Real perde a sua força e, em consequência, a música religiosa cede espaço à música profana. Bandas e orquestras se espalham por toda parte. Surge o reinado da ópera, que movimenta a vida social do Rio de Janeiro. Abrem-se salões para a sociedade elegante que começava a despertar para o requinte, o bom gosto e a sensibilidade artística (LOUREIRO, 2003, p.47-48).

A primeira Escola Normal foi criada em Niterói, no ano de 1835, mas, em 1847, ela se funde com o Liceu Provincial, fazendo com que diversificasse a sua formação, com o intuito de preparar os professores para o ensino preliminar e médio, e seu currículo foi enriquecido com novas disciplinas, entre elas a música (LOUREIRO, 2003, p. 48-49). Assim:

A importância atribuída à música na educação da classe dominante fez com que fosse fundado, em 1841, o Conservatório Musical do Rio de Janeiro, a primeira grande escola de música no Brasil [...] Segundo seu fundador e primeiro diretor, Francisco Manoel da Silva (1795-1865), essa escola deveria ser organizada com uma sólida base pedagógica. Só assim ela cumpriria seu papel, incentivando vocações musicais, formando professores e favorecendo a educação do povo para o gosto musical [...] O Rio de Janeiro, então capital do país, foi

um dos principais focos de difusão de modelos e práticas de ensino musical para o Brasil (LOUREIRO, 2003, p.50,52).

A educação musical europeia no início do século XX começa a mudar, isso devido ao movimento escolanovista, que se espalhava pelo território. Músicos e pedagogos franceses, como Jacques Dalcroze (1865-1950) e Maurice Martenot (1898-1980), o belga Edgar Willem (1890-1978), o alemão Carl Orff (1895-1982), o húngaro Zóltan Kodály (1882-1967) e a argentina Violeta Gainza, inovam no ensino da música, propondo-a como alternativa para escolarizar crianças de classes sociais menos favorecidas (LOUREIRO, 2003, p. 53).

No Brasil, esse movimento ganha corpo graças a intensas mudanças no plano político, social e econômico, que culminam com a Revolução de 30. O projeto de modernização da sociedade brasileira, inaugurado com a Revolução, tem na escola um dos seus alicerces. A nova escola, capaz de formar o cidadão brasileiro para a sociedade industrial em vias de implantação no país, alicerçando-se nos princípios da Escola Nova, afirmava a importância da arte na educação para o desenvolvimento da imaginação, da intuição e da inteligência da criança e recomendava a livre expressão infantil (LOUREIRO, 2003, p.53).

A Semana da Arte Moderna em 1922 torna-se um marco para o Brasil, trazendo novas propostas para a cultura brasileira, propondo redefinir o ensino da arte, valorizando a expressão espontânea da criança e denunciando como se encontrava a arte brasileira naquele momento, que, influenciada pelo conservadorismo europeu, colocava em planos diferentes as músicas passadas e as presentes. Para Mário de Andrade, que se destacava nesse movimento, a música deveria ter uma função social (LOUREIRO, 2003, p.54).

Nesse contexto, surge a figura de Heitor Villa-Lobos, cuja música tem raízes na tradição folclórica. Quando introduziu na música as funções descritiva, folclórica e cívica, Villa-Lobos estava, na verdade, fundamentando a prática criada por ele, ou seja, a prática do canto orfeônico em todas as escolas públicas do país (LOUREIRO, 2003, p. 54).

Heitor Villa-Lobos organizou o primeiro Plano de Educação Musical para as escolas brasileiras. Villa-Lobos elaborou um guia prático de ensino musical focado no folclore e jogo infantil. O então presidente Getúlio Vargas tornou obrigatório o canto

orfeônico⁵ no ensino regular, com o objetivo de passar para os alunos os valores considerados fundamentais para o governo, como civismo, obediência e conformação com as diferenças sociais (TOZETTO, 2003, p. 03-04).

Porém, a forma como essa matéria foi empregada nas escolas fez com que os alunos perdessem o interesse. Por volta dos anos 1950, os professores de Música eram treinados em Canto Orfeônico e muitas vezes incumbidos de ensinar a classes de 40 alunos musicalmente despreparados. A obrigatoriedade do solfejo no currículo ginásial (5^a a 8^a séries atuais) constituiu-se num dos grandes erros cometidos pelo Canto Orfeônico. Por exemplo, a percepção de diferentes alturas de som é muito abstrata, e o professor precisa saber como desenvolvê-lo. Com isso, os estudantes passavam a ter aversão não só às aulas, mas também à música (TOZETTO, 2003, p. 03-04).

Na década de 1990, surgem novos movimentos preocupados em introduzir a arte no ensino pedagógico:

As reflexões se apoiaram na tendência histórico-crítica-social dos conteúdos e foram legitimadas pela Lei n° 9.394/96, conduzindo à obrigatoriedade do “Ensino da Arte” e à retomada da Música como área de conhecimento (CARNEIRO, 1998, p. 98).

Essa Lei fez com que a música fosse novamente reconhecida como disciplina, e teoricamente voltasse ao ambiente educacional, recebendo apoio cada vez maior de educadores e instituições. A Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996) coloca a música como componente da disciplina de Arte, mas, em 2008, é criada a Lei 11.769/08 (BRASIL, 2008) que vem favorecer a música, tornando obrigatório o seu ensino, mas não como componente exclusivo na educação básica, educação infantil e ensino médio (MIRANDA, 2013, p. 22-23).

Recentemente a lei 9.394/96 (BRASIL, 1996) foi novamente alterada pela Lei 13.278 de 2 de maio de 2016 (BRASIL, 2016), a qual estipula que as artes visuais, a dança, a música e o teatro sejam linguagens constituintes do componente curricular.

⁵O termo “orfeão” (orpheón) foi utilizado pela primeira vez em 1833 por Bouquillon-Wilhem, orientador do ensino de canto nas escolas de Paris. Ele faz referência a Orfeu, poeta e músico, filho da musa Calíope e de Apolo. Segundo a mitologia grega, o deus Orfeu era o músico mais talentoso que já viveu. Quando tocava sua lira, os pássaros paravam de voar para escutá-lo e os animais selvagens perdiam o medo. As árvores se curvavam para pegar os sons no vento. O canto orfeônico tem suas origens na França, no início do séc. XIX, quando era uma atividade obrigatória nas escolas municipais de Paris. É um canto coletivo, de características próprias, no qual se organizam conjuntos heterogêneos de vozes. A prática do canto orfeônico não exige conhecimento musical ou treinamento vocal prévio.

1.4 A Formação de Professores

Poderíamos então começar este capítulo com o seguinte questionamento: para que ensinar Música na Escola? Essa simples pergunta nos leva a grandes reflexões a respeito da música e sua importância na formação do ser humano. Para Kater (2012):

[...] parece sensato considerar não a presença da “música” na escola – com as funções diversas que ela pode adquirir na vida social – porém, mais precisamente, da “educação musical”. Uma educação musical consciente de suas condições de tempo e espaço; contemporânea e apta a conjugar as características do passado e do presente, bem como acolhedora e respeitosa tanto das expectativas quanto das particularidades culturais dos envolvidos. Com isso, visa-se atender às necessidades de promoção de conhecimento amplo junto aos alunos, seu desenvolvimento criativo e participativo, não os situando na condição predominante de “público”, nem restringindo a “música na escola” a apresentações, à música das aparências, das comemorações visíveis e exteriores. Significa, então, não à “volta” da música e seu ensino à escola em moldes semelhantes aos que já tivemos em épocas anteriores; bem diferente disto, a construção de alternativas contemporâneas. Alternativas que ofereçam condições a crianças e jovens de tomarem contato prazeroso e efetivo com sua própria musicalidade, desenvolvê-la e vivenciá-la, mediante experiências criativas, a música em seu fazer humanamente integrador e transformador; o que significa desenvolverem seus potenciais, conhecerem-se melhor e qualificarem sua existência no mundo (p 42 – 43).

Sabemos que a escola de Educação Básica, principalmente a pública, traz grandes desafios para o educador musical, pois a forma de se trabalhar com a música é totalmente diferente de uma escola especializada em música: a estrutura, a quantidade de alunos por turma, os recursos, sem falar que cada aluno tem uma vivência diferente com a música. “Assim, o contexto escolar da educação básica se diferencia (ou mesmo se opõe) ao modelo tradicional de ensino de música, de caráter técnico-profissionalizante, que ainda marca a formação da maioria dos professores de música” (PENNA, 2014, p. 150):

A educação musical vive um momento singular nesta virada de século, neste mundo globalizado e informatizado. O esforço que a educação musical vem fazendo ao longo dos anos para ser legitimada diante das instituições educacionais e da sociedade brasileira reafirma as ideias, as proposições e as propostas construídas na luta pelo reconhecimento da área e pela valorização do educador musical. Nessa fase de mudanças de nossa sociedade, de sucateamento da educação em todos os níveis, a educação musical que busca a

democratização do ensino de música nas escolas, que enfoca o indivíduo em sua totalidade, busca, antes de mais nada, uma formação de qualidade para o profissional do magistério. Inserida na crise educacional brasileira, a área da educação musical vem discutindo, com muito cuidado e cautela, a formação e preparação do educador musical. Surge aqui a questão: quem deveria ensinar música aos milhares de jovens e crianças que frequentam as escolas de ensino fundamental do país? (LOUREIRO, 2003, p. 191).

Na educação infantil e durante os anos iniciais do ensino fundamental todas as áreas de conhecimento presentes nos PCN e nos currículos educacionais são ministradas por professores unidocentes, ou seja, nessa fase escolar apenas um professor é responsável por ensinar todas as disciplinas. Com base no questionário aplicado e nas observações em sala constatamos que geralmente esses professores unidocentes possuem formação em Pedagogia, mas não obrigatoriamente – muitos docentes possuem apenas o magistério e outros, o magistério e graduação em outra área de conhecimento.

Uni significa “**um**” em latim; **docência** vem do alemão *dozente*. O termo unidocência significa que está sempre ligado ao docente de magistério, já que nas Séries Iniciais é “um só professor mediador de conhecimentos no espaço formal de escolarização, uma só identidade representativa profissional para os alunos”, dando quase uma ideia de que, por ser único, esse profissional trabalha isolado, mas o fato de ser único é devido à grande importância do papel desse professor no processo de escolarização da criança. Por essa importância, o professor das séries iniciais deve trabalhar com o ensino de Música na escola (BELLOCHIO, 2000, p. 119 – 121). No entanto, é preciso considerar, conforme postulam Bellochio e Figueiredo, (2009, p. 37), que:

As professoras de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental da educação básica precisam considerar que não basta a música estar presente, de alguma forma na escola, e não possuir valor formativo reconhecido e enfatizado nos planejamentos escolares [...] a música na escola pode adquirir um papel relevante se tratada como uma área de conhecimento que requer estudo, diversidade, prática e reflexão, de forma que esteja inserida nos planejamentos e no cotidiano escolar de maneira significativa, compondo com as demais áreas um conjunto de saberes fundamentais para o desenvolvimento sociocognitivo e humano dos alunos.

Mas, por quais experiências musicais os professores das séries iniciais passaram e passam em suas vidas? E essas experiências podem ser utilizadas em suas práticas em

sala de aula? Os Poderes Públicos estão investindo o necessário na música? A formação de pedagogos tem abordado a música em seus conteúdos? Esses questionamentos nos levam a refletir que a música estaria ligada apenas a experiências pré-existentes dos professores, totalmente desvinculadas da formação profissional. E, por não receber a devida importância como objeto de conhecimento e aprendizagem, termina entrando no campo do dom, da iluminação, da diversão, ou mesmo do deleite. Salientamos que esses problemas não são restritos ao campo do Ensino de Música e à formação e à prática educativa desenvolvida por professores não especialistas nessa área. Algumas pesquisas apontam que escolas que possuem professores especialistas também apresentam problemas (BELLOCHIO, 2000, p. 121-122):

[...] muitos docentes que atuam nesses cursos de formação do professor são músicos instrumentistas, regente e compositores, sem experiência pedagógica mais ampla, seja na escola regular ou em contexto não formais. Assim, por inúmeros fatores, os cursos de licenciatura ainda tem dificuldade em preparar o professor para atuar na educação básica. Especialmente na rede pública, os desafios da escola básica para a educação musical são reais – turmas grandes, falta de condições materiais, baixo salários, desvalorização do professor, indisciplina ou violência etc. Mas não se pode esquecer que esses problemas não afetam apenas o ensino de música, pois outras áreas de conhecimento sofrem também com essas mesmas limitações (PENNA, 2014, p. 151 – 152).

Bellochio e Figueiredo (2009) defendem que os professores que atuam na Educação Infantil e Anos Iniciais são os mais indicados para trabalhar a música em sala, por que:

Em primeiro lugar, precisamos romper com a ideia de que essa professora não é especialista. Bom, pode ser até que não seja especialista em música, como, de fato, a grande maioria não é. Mas é uma profissional habilitada especificamente para o trabalho com crianças de 0 a 10 anos, o que engloba a Educação Infantil e Anos Iniciais. Essa professora tem o conhecimento extenso sobre o desenvolvimento humano e sobre planejamento para essa fase do desenvolvimento escolar que é fundamental e marcante na vida dos seres humanos. [...] você lembra de sua professora do 1º ano? O que ela marcou na sua vida? O que mais de música ela fazia com você? (BELLOCHIO e FIGUEIREDO, 2009, p. 40)

A Política de Ensino da Rede Municipal do Recife, no componente curricular “Arte”, diz que:

A Arte é produção de conhecimento histórico, cultural, filosófico, sociológico e está em permanente transformação. Constitui-se de caráter

simbólico e estético, permeia toda existência humana e revela as potencialidades do sujeito como ser sensível, perceptivo, pensante, criador e crítico. A inclusão da Arte no currículo escolar do Ensino Fundamental, e em toda Educação Básica, está assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996)[...] Os conteúdos pautados, ao serem trabalhados nas práticas pedagógicas dos(as) professores(as) do Ensino Fundamental, sejam dos Anos Iniciais, ou dos Anos Finais, promovem a garantia dos Direitos de Aprendizagem do(a) estudante que objetivam que ele(a) seja: [...] conhecedor(a) e pesquisador(a) em Arte (Arte Visuais e/ou Teatro e/ou Dança e/ou Música), enquanto produção cultural e simbólica inserida em um contexto histórico, social, entre outros [...] autor(a), produtor(a), propositor(a) de formas expressivas em Arte (RECIFE, 2015, p.80 -82).

Quando se trata especificamente da música no 1º Ano do Ensino Fundamental, a Política de Ensino da Rede Municipal do Recife traz uma abordagem bem direcionada aos elementos da música e sua contextualização. É o que podemos observar nas imagens abaixo, que foram retiradas do documento da Política de Ensino da Rede Municipal do Recife de 2015.

QUADRO 8 Música (1º ano) *continua*

| EIXOS | DIREITOS DE APRENDIZAGEM | OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM | CONTEÚDOS/ SABERES | BIMESTRES |
|--|--|---|--|---|
| LER | Conhecer , perceber, identificar, classificar e analisar os parâmetros do som (altura, duração, intensidade e timbre), e os elementos básicos da música (melodia, ritmo e harmonia) | Explorar , produzir, classificar, apreciar e ler as diversas formas de escrita musical em suas diversas representações sonoras, símbolos convencionais e não convencionais | Musicais de diversas origens culturais e etnias, gêneros, estilos e épocas Paisagem sonora da natureza e de ambientes virtuais e diversas representações simbólicas | |
| | FAZER | Sentir , querer, pensar e vivenciar diversos padrões rítmicos, melódicos e harmônicos Reconhecer e experimentar o corpo como um veículo sonoro, e/ou musical Construir partituras de desenhos, e/ou no pentagrama Identificar e reconhecer gêneros musicais de diversas épocas, e culturas da história da humanidade | Desenvolver a cognição musical nas habilidades rítmicas, melódicas e harmônicas, por meio do corpo, da voz, objetos sonoros, instrumentos convencionais e não convencionais Experimentação e construção de instrumentos | Improvisação e composição Brinquedos, jogos e instrumentos |
| Desenvolver a expressão vocal e corporal | | Onomatopeias, parlendas e trava-línguas, histórias cantadas, acalantos, cantigas de roda e canto coral | | |
| Representar os sons musicais por meio de símbolos convencionais e não convencionais | | Escrita musical | | |
| Improvisação , interpretação e composição | | Prática instrumental individual, e/ou coletiva | | |
| Contextualizar | | Ressignificar as diversas produções/manifestações musicais da humanidade Sentir, querer e pensar, como etapas do desenvolvimento da Sensibilização e Cognição musical | Produzir diferentes expressões musicais culturais de diversos povos, etnias e épocas | Multicultura musical |

QUADRO 8 Música (1º ano) *término*

| EIXOS | DIREITOS DE APRENDIZAGEM | OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM | CONTEÚDOS/ SABERES | BIMESTRES |
|----------------|--|--|---|-----------|
| CONTEXTUALIZAR | Ressignificar as diversas produções/manifestações musicais da humanidade Sentir, querer e pensar, como etapas do desenvolvimento da Sensibilização e Cognição musical | Construção de conceitos teóricos, históricos, filosóficos, sociológicos, psicológicos e estéticos | Aspectos multiculturais: linguagem musical, qualidades do som (altura, duração, intensidade e timbre); elementos da música (melodia, ritmo, harmonia); instrumentos (percussão, sopro e cordas); gêneros, estilos e movimentos locais, regionais, nacionais e internacionais Música erudita, popular e étnica; Música Pop, eletrônica, MPB: (Tropicália, Jovem Guarda, Bossa Nova); Rock Nacional e Internacional; Jazz; Rap; Repente, entre outros Música Fusion e a Música e o Som nas Artes Híbridas | |

Porém, esta não foi a realidade encontrada em nossa pesquisa, como mostram os resultados que serão discutidos mais adiante.

2. Metodologia

...“era uma casa muito engraçada não tinha teto, não tinha nada”⁶

A metodologia adotada para a elaboração deste trabalho foi a Pesquisa Exploratória e documental, cujas fontes pesquisadas foram algumas obras que abordam os métodos de musicalização e a música em geral, alguns documentos, como LDBEN e PCN, que regem o sistema educativo escolar, e ainda educadores que trabalham com a música nas escolas e também pesquisadores que buscam ressaltar a importância do ensino da música nas séries iniciais.

Escolhemos a pesquisa Exploratória Simples, acreditando ser a mais adequada para alcançarmos os objetivos da nossa pesquisa, pois:

visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso. (GIL, 1991 *apud* SILVA, 2005. P.21)

2.1 Universo de pesquisa: ♪

A pesquisa de campo onde realizamos as observações ocorreu em uma escola municipal da rede do Recife, localizada no bairro de Casa Amarela.

A estrutura física da escola resume-se em um edifício de quatro andares. No térreo ficam localizados: sala da direção, cozinha, dois banheiros (masculino e feminino) e uma área onde ficam o refeitório e a área de recreação. No primeiro e segundo andares estão localizados dois banheiros e quatro salas de aulas. No 3º andar ficam a biblioteca, a sala de computação e duas salas improvisadas para o projeto “Mais Educação⁷”. O seu quadro de alunos é composto de 338 crianças, distribuídas do 1º ao

⁶A Casa (Vinícius de Moraes) – Álbum: A Arca de Noé, 1980; Universal Music Japan.

⁷Programa criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto &.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino, que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos:

5ºano nos turnos da manhã e da tarde. O seu quadro funcional é formado por 12 professores, sendo um substituto, além de três gestores.

Escolhemos como objeto de estudo a turma do 1º ano do ensino fundamental, do turno da manhã, que é composta por 21 alunos na faixa etária entre 6 e 7 anos. A turma é coordenada por uma professora com formação em Pedagogia.

Também fazem parte do nosso universo pesquisado 20 professores da rede municipal da cidade de Recife, atuantes como polivalentes em turmas dos anos iniciais, dentre os quais 10 atuam em escolas municipais da área norte e 10 atuam em escolas municipais na área sul do Recife.

2.2 Os instrumentos de coletas de dados: 🎵

Para alcançarmos nossos objetivos de pesquisa utilizamos como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, questionários (apêndice) e observações.

2.2.1 As observações ocorreram durante o primeiro semestre de 2015 e foram realizadas uma vez a cada semana, no período da manhã, na turma do primeiro ano do ensino fundamental, com o objetivo de verificar na prática pedagógica a presença ou não da música. Escolhemos a observação como um dos instrumentos, acreditando que:

Observação - É uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade. Ela consiste em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo. (GERHARDT e SILVEIRA 2009, p. 74).

3.2.2 Os questionários foram abertos e tratam sobre a formação acadêmica, prática pedagógica referente ao uso da música e conhecimento da Lei 11.769/08. Foram aplicados com 20 professores da rede municipal de ensino e atuantes nos primeiros anos

acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

do ensino fundamental, sendo 10 professores atuantes em escolas municipais da zona norte e 10 atuantes nas escolas municipais da zona sul do Recife. Sobre a escolha do questionário, acreditamos ser propício, pois:

Questionário - É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado. (GERHARDT e SILVEIRA 2009, p. 74).

3.2.3 As entrevistas semiestruturadas foram utilizadas com a professora responsável pela turma na qual realizamos as observações, pois, durante a entrevista, o “pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”(GERHARDT e SILVEIRA 2009, p. 72).

2.3 Metodologia de análise:

Objetivando resposta à problemática que norteou o desenvolvimento da atual pesquisa, realizamos a análise das informações coletadas com uma abordagem qualitativa, pois segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se com o aprofundamento da compreensão do objeto de pesquisa. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, e se valem de diferentes abordagens. Levando assim, o pesquisador ao encontro de subjetividades humanas que não conseguem se esconder (LAGE, 2010, p. 50).

3. Coleta e Análise de Dados

...“eu vivo sempre no mundo da lua, tenho alma de artista, sou um gênio sonhador e romântico”⁸

3.1 Observações ♪

No primeiro dia de observação presenciamos a acolhida dos alunos, realizada pela vice-gestora, que reuniu todos os alunos no pátio, dando-lhes bom dia, e todos cantaram a música “Pai Nosso”, interpretada pelo padre Marcelo Rossi. Em seguida, cantaram o Hino Nacional brasileiro. Constatamos que esse processo de acolhimento e realização das canções verificados em nossa primeira observação são práticas cotidianas, que fazem parte da rotina dessa escola. Verificamos assim o primeiro ato de musicalização da nossa observação, pois “a escola atua sobre experiências culturais já presentes, trazidas pelos alunos de sua vivência familiar e cotidiana. São pressupostas certas condições prévias, com base para ação escolar. A própria comunicação pedagógica é função da cultura” (PENNA, 1990, p. 29).

Na sala de aula, durante as seis aulas observadas, constatamos em todas elas o uso da música em várias situações. Percebemos também que a professora segue uma rotina diária, incentivando os alunos a levarem os seus materiais para a escola, como o lápis e a borracha, realiza a contagem de alunos presentes, quantos meninos e quantas meninas, e todos realizam a leitura das letras do alfabeto que estão fixados na parede, e, em seguida, a professora prossegue abordando o tema da aula do dia.

Ressaltamos assim, que identificamos a presença da música já no acolhimento da escola com os alunos, acreditamos que a música nessa situação descrita não esta sendo usada como uma linguagem artística e sim como uma forma de prática religiosa e de reprodução de aprender o hino nacional brasileiro, prática esta que é subjacente da educação cívica presente no sistema educacional brasileiro há tempos atrás.

3.1.1 Na aula de ciências, em que a professora ministrou conteúdo sobre as partes do corpo humano, ela explicou as divisões do corpo, dividiu a sala em grupos e cada componente dos grupos era responsável por fazer um desenho de uma parte do corpo. Ao final, cada grupo montava um corpo inteiro com seus desenhos; em seguida

⁸Lindo Balão Azul (Guilherme Arantes) – Álbum: Pirlimpimpim, 1982; Som Livre.

ela cantou e dançou com toda a turma a música “Cabeça, ombro, joelho e pé” (Head, shoulders, knees and toes – por Xuxa – Dvd Xuxa – Só Para Baixinhos 1). Após o recreio a professora deu sequência à aula, cantando outra música que abordava as partes do corpo, “O Jacaré” (cd Eliana, 1995).

É importante trabalhar o material folclórico, mas é importante também trabalhar a tevê. É preciso, antes de mais nada, atuar sobre a vivência real do aluno, dando condições para sua compreensão e crítica, e , mais ainda, para a sua ampliação. A criança também vive o seu meio dinamicamente. Trabalhar esses elementos que a televisão oferece [...] pode ser o modo de permitir uma apropriação ativa desse material que cotidianamente é absorvido de modo inconsciente (PENNA,1990, p. 65).

Nessa aula descrita identificamos a presença da música como instrumento pedagógico para a melhor memorização do assunto abordado, uma vez que a letra da música e a coreografia ensinada estimulavam as crianças a reproduzirem o conhecimento adquirido. No entanto, percebemos também o prazer e a ludicidade presente nessa aula através da música, proporcionando aos educandos uma aprendizagem prazerosa envolvendo o cognitivo e a corporeidade.

3.1.2 Na aula com atividades referentes à Páscoa, a professora entregou para os alunos um jogo de palavras cruzadas que era formado por palavras que remetem a produtos de grande consumo no período, como: peixe, chocolate, uva, ovo, entre outros. Os alunos copiaram na ficha dessa mesma atividade o nome completo delas, preencheram as palavras cruzadas e em seguida todos cantaram com a professora a música “Como é bom ser diferente” (A Turminha do Tio Marcelo – Marcelo Serralva), música que trata do respeito ao próximo. Segundo Fuks (*apud* LOUREIRO 2003, p. 49), neste caso:

A letra possuía mais uma função socializadora, uma função até disciplinadora na escola. O canto, como elemento agradável para a maioria dos alunos, servia muito bem para transmitir de uma forma sutil o código moral e ético, possibilitando a manutenção de valores existentes na sociedade.

Essa aula nos mostrou que, assim como a acolhida das crianças na escola também existe uma intervenção religiosa nas práticas pedagógicas, pois apesar da letra da música falar da importância de respeitar as diferenças, essa prática de respeito e valorização do outro estava sendo ligada a uma prática religiosa e não apenas como uma ação esperada de todo ser humano para com o outro.

3.1.3 Na aula de Português, como de costume, a professora iniciou solicitando que cada aluno realizasse a leitura das letras do alfabeto. Desta vez ela desafia as crianças a formarem palavras, como luva, pato, dado, entre outras, e também solicita que alguns alunos identifiquem a primeira e a última letra dos seus nomes. Em seguida a professora divide a turma em dois grandes grupos (meninos e meninas) e em seguida desafia as crianças a cantarem músicas que iniciem com a letra que ela sugere.

Nesta ocasião percebemos o uso da música como um instrumento de reflexão e ensino durante o processo de alfabetização. No entanto, mesmo que a música, nesse caso, esteja sendo utilizada com intenções secundárias, acreditamos que a efetivação da prática de cantar seja muito importante e parte do processo de musicalização, pois, segundo Bellochio e Figueiredo (2012): “Ensinar música na escola envolve a experiência musical de forma direta, ouvindo, apreciando, cantando, tocando, compondo, improvisando dentre outras” (p. 39).

Acreditamos que essa atividade proporciona aos alunos a reflexão e prática do conhecimento apreendido na aula, pois eles são provocados a reconhecerem a letra, lembrarem de uma música que inicie com essa letra e cantarem a música, ou seja, várias ações e cobrança de conhecimentos que perpassam a alfabetização, entrando para as experiências musicais vivenciadas por estes alunos e a capacidade de reprodução musical.

3.1.4 A aula foi iniciada com a turma indo para a biblioteca realizar o momento de leitura, atividade que ocorre uma vez por semana. A princípio, a bibliotecária esclarece para os alunos a importância de cuidar dos livros e depois distribui um livro para cada um. Logo após as crianças explorarem os conteúdos dos livros, a professora responsável realizou a leitura de um deles: *A Velhinha e o Porco* (Rosinha, Editora do Brasil, 2012 – coleção: AKPALO – CULTURA POPULAR).

Após a leitura, foi solicitada para as crianças a realização de um desenho que representasse a história. Enquanto as crianças desenhavam, a professora colocou músicas para eles escutarem (*Quem Canta Seus Males Espanta* - projetos Trilhas). Em seguida, as crianças foram para a sala de aula, onde a professora pede que todos baixem as cabeças. Após esse momento de relaxamento, a professora distribui para os alunos o livro didático do sistema de ensino *Aprende Brasil* vol. I, cuja atividade durou até o final da aula.

Nos dois momentos observamos a música sendo utilizadas por professoras diferentes com o mesmo propósito, para mudar o ambiente educacional. No primeiro momento a música entrou como pano de fundo para auxiliar a imaginação das crianças enquanto folheavam os livros. No segundo momento a música foi utilizada como relaxante pela professora; neste caso pudemos observar que a professora tem conhecimento do poder que a música exerce sobre o ser humano fazendo uso para tornar a sala de aula um ambiente mais agradável.

3.1.5 Após a rotina diária já descrita, a professora escreve no quadro a poesia de Vinícius de Moraes, “As Borboletas”, e solicita que os alunos identifiquem as vogais, consoantes e sílabas encontradas no poema. Em seguida, a professora pergunta aos alunos que palavras eles conhecem iniciadas com a letra B. Na sequência, a professora recita a poesia para eles, dividindo depois a turma em grupos, e cada grupo fica responsável por recitar um trecho do poema referente a uma cor de borboleta. A professora então esclarece para os alunos que esse poema é uma música e canta para eles. Assim, a música é utilizada para desenvolver as atividades do dia. A professora também utilizou a música “Cabeça, ombro, joelho e pé”, alterando partes da canção, cantada por murmúrios, e finaliza a aula cantando a música “As Borboletas”. Para Penna (1990), a musicalização é a ação educativa adequada, no campo da música, às necessidades do ensino regular, isto devido à função de proporcionar, a todos os alunos, os instrumentos para apreensão da linguagem musical.

Observamos que as crianças tiveram vários contatos com a música e que esses contatos realmente transformam o ambiente escolar, pois, no decorrer da aula pudemos observar várias crianças cantarolando baixinho enquanto realizavam suas tarefas rotineiras (copiar do quadro, responder o livro de exercícios, entre outros). A sala de aula naquele momento se demonstrou um ambiente leve e gostoso de estar.

3.1.6 A aula é iniciada seguindo a rotina, e a professora solicita que os alunos formem círculo com as bancas. Ela canta uma canção e depois pede para as crianças cantarem, substituindo a letra da música pelas vogais, as meninas cantam do A até o I e os meninos O e U. Em seguida, a professora utiliza o livro “A Lenda da Borboleta”

(Ana Thais Feitosa - ed. IMEPH). A atividade solicitada foi que as crianças criassem uma história para ser apresentada no dia da culminância do projeto Ondas da Leitura. A professora, durante toda atividade, reforçava que os alunos precisavam fazer “o melhor para o melhor” (frase dita por ela).

Sobre a intervenção pedagógica desenvolvida pela professora, Bellochio e Figueiredo (2009, p. 42) afirmam que essas atividades exploram a audição, execução e composição e improvisação musical. De acordo com os autores, “cantar de boca fechada, com vogais ou com sílabas pode ajudar no processo de escuta e aprendizado dos elementos musicais do exemplo musical que está sendo realizado”.

Diante desses dados apresentados coletados através das observações, confirmamos na prática da professora a presença da música nas suas aulas. Todavia, apesar de constarmos práticas de musicalização que contemplem alguns objetos sonoros, na maioria desses processos a presença da música não contemplava o valor formativo e enfatizado no planejamento escolar. Diante deste fato, Bellochio e Figueiredo (2009, p. 37) afirmam que:

[...] as professoras de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental da educação básica precisam considerar que não basta a música estar presente, de alguma forma na escola, e não possuir valor formativo reconhecido e enfatizado nos planejamentos escolares.

3.2 Questionário 🎵

Das 20 professoras⁹ que responderam o nosso questionário, 13 são pedagogas e 7 possuem o magistério (algumas com outra formação além do magistério, como Biologia, Letras, Sociologia, Psicologia e Matemática), e através do questionário pudemos conhecer as formações acadêmicas das professoras que atuam na Educação Infantil, um pouco de suas metodologias e quais são seus conhecimentos sobre a música e suas contribuições no ambiente escolar.

⁹Utilizamos os termos “professora(s)” pelo fato de nossa pesquisa ter sido respondida em sua totalidade por pessoas do sexo feminino.

Entre as professoras pesquisadas 15 nos revelaram que não tiveram durante a sua formação conteúdos disciplinares que abordassem música e 5 relataram que tiveram disciplinas que traziam a música ao seus conhecimentos. Esses números são bem próximos, quando perguntados sobre capacitações que as preparassem para que trabalhassem a música na sala de aula: 17 educadoras declararam que não tiveram nenhuma capacitação, enquanto 3 disseram ter recebido capacitação para trabalhar com música em sala. Isso corrobora o fato de que:

Há vinte anos o Brasil não tem mais a disciplina Educação Musical nas escolas. Uma geração já se formou sem ter tido oportunidade de fazer música, que ficou restrita aos conservatórios e escolas de música. A essa geração foi vedado o acesso à prática musical. A música foi colocada num pedestal inacessível, só alcançado pelos especialmente bem dotados (SCHAFER apud MARTINS, 2014, p.06).

19 docentes afirmaram que utilizam a música de alguma forma em sala de aula. A professora “A” disse que utilizava “para trabalhar textos e em artes”. A docente “D” relatou: “quando a música tem relação com conteúdo e às vezes uso para descontrair”; “utilizo para dinamizar mais a aula e em vários contextos e objetivos”, disse a professora “F”; “com paródias, abordando alguns temas como: a dengue, e datas comemorativas (dias das mães, pais, etc.)”, revelou a professora “J”. A educadora “Q” relatou que nas suas aulas a música é usada “nas apresentações, interpretações de texto para debates”. Isso nos mostra que:

[...] as professoras de educação infantil e anos iniciais, apesar de trabalharem com música na escola, não têm recebido formação musical durante sua preparação profissional, ou seja, no ensino superior ou no médio (magistério). Assim, muitas dessas atividades musicais realizadas são desenvolvidas sem uma perspectiva longitudinal e uma fundamentação clara (BELLOCHIO e FIGUEIREDO, 2009, p. 37).

Quando se trata da importância da música na escola a resposta positiva foi unânime, “pois, a música, além de tornar o ensino mais envolvente e prazeroso, também auxilia na construção do comportamento, da disciplina e no controle da emoção, facilitando o aluno a se expressar de várias formas”, conforme nos relata a educadora “N”. A professora “K” diz que a música “é muito relevante para o processo de ensino aprendizagem. É fundamental para o desenvolvimento integral do ser”. Reiterando esses pensamentos a docente “I” descreve que “a música reflete no lúdico,

além de estar no cotidiano da criança. Através da música a criança aprende brincando, diferencia fonemas, pode-se trabalhar a escrita de palavras simples, bem como as funções que envolvem a motricidade”.

A música tem seu valor social, e deve interagir com o mundo globalizado tornando-o mais próximo do homem. A educação musical proporciona ao indivíduo a capacidade de sintetizar forma e conteúdo, como uma resposta ao mundo contemporâneo, além de uma prática artística que possibilita as vivências que enriquecem a imaginação e a formação global da personalidade (MARTINS, 2014, p.7).

Para as pesquisadas são diversas as contribuições que a música pode acrescentar às aulas, pois ela “contribui para desenvolver a percepção dos sons, para interação, criatividade, habilidades relacionadas à motricidade”, como relata a professora “H”. Para a docente “G”, a música ajuda a “desenvolver o cognitivo, valorização da cultura local” [...] [o aluno] “desenvolve as suas habilidades, seu corpo, o seu cognitivo/linguístico, psicomotor e sócio-afetivo [...]”, revela “E”. A educadora “S” relata que a música auxilia “no desenvolvimento criativo e na melhoria da voz”. “M” descreve que “as percepções podem ser aguçadas, porque, por meio das aulas de música, o aluno é estimulado a prestar mais atenção. “B” diz que a música ajuda na “concentração, cria hábitos que o levam a aprender a ouvir, auxilia na ludicidade e no conhecimento de si mesma através dos movimentos. Desenvolve a sensibilidade e trabalha o cérebro”, uma vez que:

A música estimula a criatividade, e nas pessoas criativas a sinestesia tende a ser mais intensa. Ao mesmo tempo, acreditava-se que um elevado potencial sinestésico parece desenvolver maior capacidade de memorização. A música estimula a inteligência de nosso “cérebro emocional”, do “cérebro racional” (neocórtex) e do “cérebro sentimental” (sistema límbico), todos integrantes do córtex, com funções diferentes. Além disso, sua prática estimula nosso equilíbrio afetivo emocional, proporcionando um sentimento de bem estar, de calma e relaxamento. O indivíduo que faz, escuta, canta, vivência a música, é sempre beneficiado (MARTINS, 2014, p. 4).

Quanto à Lei 11.769/08, que obriga o ensino da música nas escolas, fica claro o apoio de todas as professoras que participaram da pesquisa. Para a educadora “P” é “mais do que necessário esta implementação da Lei”; já “R” diz que a Lei é “muito boa; falta a sua implementação de fato”; para “O” “seria bom para desenvolver a sensibilidade, criatividade e integração dos alunos no ambiente escolar”. Todavia, algumas educadoras que apoiam a Lei defendem que deveria haver um profissional da música em sala, para

que assim o trabalho fosse mais bem desenvolvido. “Acredito que seja importante [...] espero que a sua obrigatoriedade esteja vinculada ao exercício de um profissional e que não seja um faz de conta”, descreve “L”. A professora “C” também concorda com esse pensamento, dizendo que a Lei é “excelente, mas é necessário um profissional da área para trabalhar com os alunos ou o professor seja orientado (formação) para realizar o trabalho”. “Vejo com muita pertinência, desde que sejam profissionais formados na área que desenvolvam as aulas”, afirma “T”. Isso é uma questão bastante delicada, pois, aparentemente, parece haver uma divergência em relação a quem deve ministrar a aula de música nas salas dos Anos iniciais:

Parece-me que tem um distanciamento entre a formação do profissional especialista e os profissionais formados em Pedagogia. Não existe, na maioria das vezes, um diálogo, aberto, crítico e conjunto sobre alguns encaminhamentos, mais sólido, que poderiam ser realizados entre os dois cursos. Há professores unidocentes que atuam na educação infantil [...] que não possuem uma formação especializada em arte, sobretudo em Educação Musical, mas possuem uma formação que lhes permite conhecer e adentra o conhecimento da totalidade dos processos implicados no desenvolvimento de seus alunos (BELLOCHIO, 2000, p. 125).

Podemos observar através das respostas das professoras que, embora haja divergências quanto ao fato de quem deve ministrar as aulas de música, existe muita convergência quando se trata da importância e do uso da música em sala de aula. Fica claro que a música não é abordada na forma como manda a Lei 11.769/08, como linguagem, e sim, como ferramenta pedagógica. Isso se dá pelo fato de não terem recebido a formação adequada para fazerem o uso da música e também por conhecerem o potente efeito que a música causa no ser humano, pois, já dizia Fela Kuti, um multi-instrumentista nigeriano, que “a música é a arma”, e assim fazem uso dessa arma para conseguirem outros objetivos que não a própria música.

4. Considerações Finais

*...“mas é duro ficar na sua quando à luz da lua, tantos gatos pela rua, toda a noite
vão cantando assim”¹⁰*

Se pararmos um pouco para pensar sobre a presença da música em nossas vidas, veremos que ela está presente em boa parte de jornada aqui na Terra. Quantos de nós fomos acalentados ou embalados quando crianças ao som de “Teresinha de Jesus” ou “Nesta rua tem um bosque”, e, assim, os nossos pais conseguiam nos acalmar ou nos fazer dormir? Muitas vezes recebemos ou fazemos declarações de amor ao som de alguns acordes e melodias, ou somente uma melodia vocal, que nem sempre segue os padrões da afinação ou entoação musical, mas, mesmo assim, fechamos os olhos e soltamos a voz, evocando Tom Jobim, e cantamos: “*eu sei que vou te amar por toda minha vida eu vou te amar*”. Aliás, o Mestre Capiba, em sua canção “Cantando sem saber cantar”, diz que na vida só é feliz quem canta sem saber cantar. João Nogueira diz que “*quando eu canto é para aliviar meu pranto e pranto de quem já tanto sofreu, quando eu canto estou sentindo a luz de um santo, estou ajoelhando aos pés de Deus*”. Geraldo Vandré convocou toda a Nação brasileira para lutar, quando entoou “*caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais braços dados ou não [...] vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer*”. Wilson Simonal reforça a luta do povo negro, falando que “*cada negro que for mais um negro virá, para lutar com sangue ou não, com uma canção também se luta irmão*”. Certamente muitos de nós apresentamos essas mesmas sensações, quando cantamos; muitas vezes escutamos uma música e fingimos ou imaginamos ser um baterista, ou guitarrista, ou até mesmo o cantor. Tudo isso só vem reforçar a importância que a música tem em nossas vidas e como é essencial para a formação do ser humano.

Na escola a presença da música é fato, pois sabemos que ela se faz presente em vários momentos da rotina dos alunos, mas como se dá essa relação foi o que buscamos entender a partir de nossa investigação. A Lei 11.769/08 traz a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas brasileiras e todas as escolas deveriam ter se adequado a essa Lei até o ano de 2011. E assim, a música deixaria de ser apenas uma ferramenta pedagógica e passaria a ser um componente curricular, uma linguagem, pela qual os alunos passariam a conhecer e utilizar alguns elementos musicais.

¹⁰ História de uma Gata (Henriquez, Bardotti, Chico Buarque). Álbum: Saltimbancos Trapalhães, 1981; Universal Music Brasil.

Destacamos através das evidências já apresentadas neste trabalho a importância da presença da música na escola desde os primeiros anos do ensino fundamental, considerando os benefícios que proporciona para o desenvolvimento humano. Assim, defendemos a música como uma importante facilitadora no universo educacional, pois vimos que ela se relaciona aos processos de desenvolvimento social, afetivo e cognitivo, entre outros aspectos referentes ao desenvolvimento humano.

Consideramos relevante a presença da música durante as aulas que observamos, no entanto, constatamos que nessas ocasiões ela não era abordada como uma linguagem, mas como instrumento pedagógico.

Através dos questionários abertos que aplicamos com as professoras, constatamos o conhecimento delas a respeito dos benefícios que a música propõe no desenvolvimento dos estudantes, mas ficaram elucidadas a limitação e a insegurança dessas professoras em utilizarem a música em suas aulas, pois a grande maioria afirmou não ter a temática abordada em sua formação. Entretanto, quando questionadas sobre o uso da música em sala de aula, a resposta da maioria foi que utilizavam em algum momento de suas aulas. Quando perguntadas se achavam a música importante, a resposta positiva foi unânime. Isso deixou claro que, embora a música não estivesse presente nas formações das professoras, sua presença é constante no ambiente escolar. Os professores fazem uso de seus conhecimentos prévios sobre a importância da música e não deixam de trazê-la para o seu ambiente de trabalho.

Concluimos que nos ambientes educacionais que pesquisamos a música ainda ocupa um papel secundário, e para que seja contemplada como uma linguagem artística, como é estipulado pela Lei, é primordial a abordagem do ensino musical durante a formação dos professores da educação básica, além de as escolas fornecerem uma estrutura adequada e estímulos aos professores, para que a música seja trabalhada. Lembramos ainda que o ensino de música nas escolas regulares não objetiva a formação de musicistas, mas busca conscientizar alguns dos elementos estruturantes da música, proporcionando reflexão e vivências musicais conscientes, contribuindo intensamente para a formação integral do ser.

Esperamos que este trabalho auxilie a todos, especialmente aos nossos companheiros pedagogos e professores unidocentes, a compreenderem a importância do

processo de musicalização nas suas práticas docentes, pois, apesar de não sermos especialistas no ensino de música, podemos garantir um processo de musicalização apropriado e favorável que contribua em todas as potencialidades possíveis e já apresentadas no desenvolvimento dos alunos.

Ao longo do desenvolvimento desse trabalho nos deparamos com conteúdos e aspectos nos quais constatamos a necessidade de aprofundamento em seus estudos. Assim, sugerimos dois temas para o desdobramento de futuras pesquisas.

A primeira proposta de pesquisa que indicamos é um estudo em torno da proposta curricular do ensino de arte da rede municipal da cidade do Recife, com ênfase no conteúdo do ensino de música para os anos iniciais.

A segunda proposta de pesquisa que acreditamos ser também plausível de investigação é a existência da política de formação continuada para o ensino de Artes oferecida pela rede municipal de ensino da cidade do Recife para seus professores, mais uma vez dando ênfase a linguagem da música.

5. REFERÊNCIAS 🎵🎵🎵

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **A Educação Musical nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**: Olhando e construindo às práticas cotidianas do Professor/ Cláudia Ribeiro Bellochio – Porto Alegre: UFRGS, 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

BELLOCHIO, Claudia Ribeiro. et al. **Necessidades Formativas em Educação Musical**: uma investigação com acadêmicas do curso de Pedagogia da UFSM. s.d. disponível em <http://www.unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/pdf/artigos/pedagogia/NECESSIDADES%20FORMATIVAS%20EM%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20MUSICAL.pdf> . Acesso em 26/06/2016

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. **Cai, cai balão... Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula**: discutindo algumas questões com professores não especialistas em música. Música na educação básica. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009. ISSN 2175 3172.

BRASIL, Casa Civil, Lei Federal nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 24/07/2015

_____. Lei Federal nº 11.769/08, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União, seção 1, ano CXLV, nº 159. Brasília, 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111769.htm. Acesso em 04/07/2015.

_____. Lei Federal nº 13.278/16, de 02 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília, 2016. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm. Acesso em 27/06/2016.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical**: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

CARNEIRO, Moacir Alves; **LDB fácil : leitura crítico-compreensiva**: artigo a artigo. Petrópolis, Vozes, 1998.

CHIARELLI, Lúgia Karina Meneghetti; BARRETO, Sidirley de Jesus. **A Importância da Musicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**: A Música como Meio de Desenvolver a Inteligência e a Integração do Ser. Revista Recre@rte Nº3, Junho 2005. ISSN: 1699-1834

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo; **Métodos de pesquisa** / [organizado por]; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KATER, Carlos – in: **A Música na Escola**. Ministério da Cultura e Vale – Allucci & Associados Comunicações – São Paulo, 2012.

LAGE, Allene. **Orientações epistemológicas para pesquisa qualitativa em educação e movimentos sociais**. In: _____. Educação e Movimentos Sociais: caminhos para uma pedagogia da luta. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental** – Campinas, SP: Papirus, 2003.

MARTINS, Erlene Teixeira de Lima. **A música na escola: Ensaios Pedagógicos**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET – ISSN 2175 1773; Junho de 2014.

MIRANDA, Paulo César Cardoso de. **Jogo Musical e Humanizado** [recurso eletrônico] : Um olhar lúdico, complexo e sistemático na educação. -1. Ed.- São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

MUSZKAT, Mauro – in: **A Música na Escola**; Ministério da Cultura e Vale – Allucci & Associados Comunicações – São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Débora Alves. **Musicalização na educação infantil**; ETD- Educação Temática Digital, Campinas, v.3, n.1, p. 98 – 108, dez, 2001.

PENNA, Maura L. **Reavaliações e buscas em musicalização**. Edições Loyola, São Paulo, 1990.

_____. **Música(s) e seu Ensino**. 2.ed. ver. e ampl.- Porto Alegre: Sulina, 2014.

PETRAGLIA, Marcelo S. in: **A Música na Escola**; Ministério da Cultura e Vale – Allucci & Associados Comunicações – São Paulo, 2012.

RECIFE, Secretaria de Educação. Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: ensino fundamental do 1º ao 9º ano / organização: Jacira Maria L'Amour Barreto de Barros, Kátia Marcelina de Souza, Élide de Fátima Lopes Maçaira. – Recife: Secretaria de Educação, 2015. ISBN: 978-85-60532-15-5

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005.

TOZETTO, Anita Henriqueta Kubiak. **Educação Musical: A Atuação do Professor na Educação Infantil e Séries Iniciais** (outubro 2003).

VALLIM, Viviane Chiarelli. **A Produção Musical na Educação Infantil: Um Desafio da Escola do Futuro**. Florianópolis-SC, 2003.

ZISKIND, Hélio. **Carta Fundamental nº 44**; Ministério da Educação – FNDE; dezembro de 2012 e janeiro de 2013.

APÊNDICE




**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Questionário

1. Qual sua formação e quanto tempo você atua como docente?
2. Durante a sua formação, existiu alguma disciplina que abordava a música na escola?
3. Você teve alguma formação de capacitação para trabalhar música em sala de aula?
4. Você utiliza música de alguma forma na sua prática docente?
5. Você considera importante o ensino de música na escola? Por quê?
6. Quais as contribuições que você acha que a música pode trazer para o desenvolvimento do aluno?
7. Qual a sua opinião sobre a implementação da lei 11.769/08, que estipula a obrigatoriedade do ensino de música?

ANEXOS

Anexo I

| | |
|--|--|
|  | Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos |
| <u>LEI Nº 11.769, DE 18 DE AGOSTO DE 2008.</u> | |
| Mensagem de veto | Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. |
| O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: | |
| Art. 1º O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 6º: | |
| “Art. 26. | |
| § 6º. A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.” (NR) | |
| Art. 2º (VETADO) | |
| Art. 3º Os sistemas de ensino terão 3 (três) anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas nos arts. 1º e 2º desta Lei. | |
| Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. | |
| Brasília, 18 de agosto de 2008; 187º da Independência e 120º da República. | |
| LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA <i>Fernando Haddad</i> | |
| Este texto não substitui o publicado no DOU de 19.8.2008 | |

Anexo II



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 13.278, DE 2 DE MAIO DE 2016.

Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26.

.....

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

....." (NR)

Art. 2º O prazo para que os sistemas de ensino implantem as mudanças decorrentes desta Lei, incluída a necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica, é de cinco anos.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 2 de maio de 2016; 195ª da Independência e 128ª da República.

DILMA ROUSSEFF
Aloizio Mercadante
João Luiz Silva Ferreira

Este texto não substitui o publicado no DOU de 3.5.2016